

Guerreiro critica EUA e defende ajuda ao 3º Mundo

Angela Santangelo

O Ministro das Relações Exteriores, Ramiro Saraiva Guerreiro, critica a posição defendida pelos Estados Unidos, de que o livre comércio substitui a ajuda ao desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. Ele acha que "seria um risco grande estancar o diálogo ou deixá-lo exclusivamente às forças de mercado, que não é um remédio suficiente".

Adverte que todos os Governos devem dar ao diálogo sobre a cooperação internacional maior prioridade do que problemas das relações Leste-Oeste, "que somente se agravará se o outro não for resolvido". A hipótese de um fracasso na próxima reunião de Cancún (México), sobre o Diálogo Norte-Sul, segundo ele, criaria maiores tensões nas relações entre os países do Leste e Oeste. Mas o Ministro prefere ser otimista, descartando o fracasso total.

Argumento

Com este argumento, a posição brasileira, e de muitos países do Terceiro Mundo, procura combater a de alguns países desenvolvidos, que minimizam a necessidade do diálogo entre ricos e pobres, em função do propalado crescimento das tensões nas relações entre os países do Leste e Oeste, sob a ameaça de uma nova corrida armamentista.

Utópica ou não, a posição brasileira defende a participação de todos os países do Diálogo Norte-Sul, em uma base não ideológica. Saraiva Guerreiro explica que o diálogo é basicamente ocidental:

— A União Soviética defende uma tese de que o subdesenvolvimento é consequência do colonialismo e imperialismo. E, portanto, são os países ocidentais que têm de reparar seus erros.

Acrescenta que o Brasil não aceita este argumento, pois o desequilíbrio entre os países deve ser tratado como uma realidade de hoje, não importam suas bases históricas. A União Soviética foi convidada para ser o 23º país participante da reunião de Cancún e decidiu não comparecer. Cuba também participaria, mas sua exclusão foi uma imposição dos Estados Unidos, que rejeitou uma discussão sem bases ideológicas.

Capital e tecnologia

O Ministro reconhece que no bloco Sul a situação dos países é extremamente variada, não só sob o ponto-de-vista econômico, mas também pelas posições ideológicas. Destaca, porém, que as diferenças "não impedem um posicionamento conjunto frente ao bloco Norte, porque há uma coincidência de interesses entre os países do Terceiro Mundo. Todos eles, independente de sua organização interna, são importadores de capital e tecnologia, com desequilíbrio na balança comercial".

As diferenças econômicas, entretanto, geram divergências quanto à intensidade com que deve ser tratado cada um dos problemas das relações internacionais. Uns destacam a necessidade da criação de programas para o abastecimento de alimentos, enquanto outros se preocupam com a transferência de recursos financeiros ou a redução de barreiras comerciais.

Para o Brasil, todos esses problemas estão interrelacionados na discussão geral do tema A Cooperação Internacional para o Desenvolvimento.

Está sendo reivindicada uma mudança na ordem internacional vigente, através de negociações globais de todos esses aspectos no âmbito da ONU, para que haja maior transferência de recursos a serem aplicados

nos países em desenvolvimento de uma forma racional e econômica.

Livre mercado

Para o Ministro Saraiva Guerreiro a solução desses problemas não pode ser buscada apenas no livre comércio, embora frise que o perfeito funcionamento das forças de mercado resulta em um sistema ideal. Lembra que muitos países, até mesmo os que afirma serem liberais, utilizam várias formas de protecionismo. E exemplifica com o caso brasileiro, onde existe uma filosofia de mercado, mas há estatização na economia, "não por motivos ideológicos, mas por necessidade de acumulação de capital".

O Brasil vai procurar mostrar em Cancún que é possível manter um diálogo racional, orientado pelo conceito de que há interesse mútuo, no Sul e no Norte, pelo desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. O principal argumento será a necessidade de evitar a situação de relativa estagnação em que a economia internacional se encontra.

No caso de um fracasso, as consequências são previstas pelo Chanceler: a perda de expectativas, mesmo que modestas, dos países em desenvolvimento; a deterioração das condições econômicas; desemprego; e, em decorrência, o surgimento de tendências políticas de desespero.

— Se não puder haver o grau de inserção na economia internacional necessária aos países em desenvolvimento, as alternativas poderão ser soluções draconianas, cujos efeitos vão muito além da economia. Resultam em fechamento, na tendência à autarquia. A passagem por períodos de sacrifícios violentos acaba implicando soluções sociais e políticas indesejáveis.

Tensão Leste-Oeste

Apesar de lembrar que há prioridade na concentração dos interesses, referindo-se às necessidades básicas dos países de menor desenvolvimento relativo, Guerreiro acha que a primeira tarefa das negociações deve ser a recuperação da confiança e da expectativa positiva de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo.

— Isso pode resultar em uma redução dos riscos implícitos na tensão Leste-Oeste, muitas vezes localizada no bloco Sul.

Em sua opinião, a aplicação mais racional de recursos nos países em desenvolvimento criaria formas de manter e acelerar um processo de desenvolvimento que não tem sido muito dinâmico, à exceção de alguns países como o Brasil. E é aí que entra o interesse dos países desenvolvidos. Na medida em que os países do Terceiro Mundo ampliam seu processo de desenvolvimento, aumentam sua capacidade de produção e o volume do comércio internacional, garantindo maiores importações do Norte.

O Chanceler admite que os países industrializados da Europa Ocidental, talvez por dependerem mais de matérias-primas e insumos dos países em desenvolvimento, têm revelado maior disposição para iniciar as negociações globais e manter o diálogo, sem uma retórica de confrontação. No entanto, sobre o mérito da discussão, seus pontos-de-vista não se assemelham mais aos dos países do Terceiro Mundo do que o defendido pelos Estados Unidos. Em discurso esta semana, o Presidente Ronald Reagan definiu claramente a posição que será levada pelos EUA a Cancún: a total defesa do livre comércio e menor ênfase à ajuda ao desenvolvimento do Terceiro Mundo.



Guerreiro diz que diálogo Norte-Sul beneficia as relações Leste-Oeste